



Eleição - Presidência

Sem rosto conhecido

As pesquisas de opinião divulgadas neste final de ano, e confirmadas pelos números nacionais publicados domingo pelo Data-Folha, revelam que ainda não surgiu no cenário político um perfil favorito para suceder o presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002. Esta tem sido a base para as observações feitas pelo próprio Presidente de que a oposição ao governo dele não conseguiu compor e apresentar um programa de governo alternativo ao modelo econômico implantado com o Plano Real, em 1994, que seja simultaneamente crível e capaz de empolgar o eleitorado.

Essa análise pode parecer falta de modéstia do Presidente, ou até mesmo a confirmação de que o domínio intelectual que ele tem sobre a cena política "interditou o debate" e impôs o que a esquerda clássica denomina de pensamento único. Mas a verdade é que ao atribuírem 24% de intenção de voto à idéia de uma quarta candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, o eleitorado demonstra ceticismo quanto a viabilidade dele e das forças que representa no exercício do poder central. E esse quadro não melhora quando associado ao outro candidato visto como opositor para valer de Fernando Henrique, o governador de Minas Gerais, Itamar Franco.

A soma dos números de Lula e Itamar chega a 34%, o patamar que o líder petista chegou sozinho na eleição passada. Mas e Ciro Gomes, não é também da oposição? A resposta é não. E mesmo que o fosse, seus

17% de apoio do eleitorado seriam suficientes apenas para levar um opositorista ao segundo turno, uma vez que parece improvável que, na hipótese de uma candidatura única da oposição, a distribuição das intenções em Lula, Ciro e Itamar se concentraria em um deles.

O compromisso
básico da candidatura
do PPS é a
preservação do
programa de
estabilidade da moeda

A candidatura Ciro surgiu como uma dissidência do modelo Fernando Henrique na eleição passada e é assim que ela deve ser vista no contexto atual. Sua base política ideológica, fornecida pelo PPS (ex-partido comunista), propõe uma coalizão de centro-esquerda para assegurar a governabilidade de Ciro Gomes caso ele se eleja, mas rejeita a hipótese de ruptura do status quo. O compromisso básico da candidatura do

PPS é a preservação do programa de estabilidade da moeda, inflação baixa e aprofundamento das políticas de responsabilidade fiscal e equilíbrio das contas públicas. Nesse modelo, teriam espaço o PSDB e o PMDB, dois dos três principais partidos da atual aliança governista.

No lugar do PFL, o PPS aceitaria as forças de esquerda orientadas pelo PT, desde que estas se sujeitem ao programa do candidato que, na prática, não apresenta divergências conceituais em relação ao atual Governo. O que se terá com Ciro Gomes, se ele chegar à Presidência, será a reaglutinação das forças políticas do País, com exclusão dos liberais e da direita tradicional, com base em uma tentativa de acelerar o crescimento. Isso significa que Ciro se fortalecerá caso persista o presente quadro de baixo cresci-

mento econômico. O curioso é que as pesquisas ainda não indicam quem representará as forças que chegaram duas vezes ao poder com Fernando Henrique.

A esquerda recebe apoio ralo porque a sua proposta é de ruptura. É recomençar tudo do zero rumo ao desconhecido. O governador Itamar Franco patina nos 10% de apoio que todo ex-presidente da República consegue. Collor chega perto disso quando incluído nas sondagens. Itamar também representa a incerteza do nacional-estatismo, que já foi bandeira de Leonel Brizola. Por isso não sai do lugar. Anthony Garotinho ainda é uma promessa sustentada no eleitorado do Rio de Janeiro.

No situacionismo, a hipótese da candidatura do governador do Ceará, Tasso Jereissati, parece de difícil promoção. Ele obtém 2% no DataFolha, abaixo de Enéas, e sequer mexe com os índices de Ciro Gomes, seu concorrente direto no Estado. O ministro da Saúde, José Serra, se sai um pouco melhor, com 4%, um ponto abaixo de Mário Covas, o que mostra que ele, se for candidato, será um desafio para os responsáveis pelo marketing de sua campanha. Maluf se situa bem melhor que os dois em São Paulo.

A oscilação entre 6% e 7% de Antonio Carlos Magalhães está obviamente inflada pelo apoio do eleitorado baiano. Ele não transpôs a barreira dos 4% nos estados do Sul e do Sudeste e dos 2% no Norte e Centro Oeste. Mas é Antonio Carlos quem obtém a melhor posição entre os pré-candidatos do Palácio do Planalto. Em resumo: o quadro sucessório continua indefinido. Há um claro a ser preenchido especialmente no campo da situação.